

A Construção Social da Juventude Rural Diante dos Processos Migratórios

Um Estudo de Caso da Agricultura
Familiar de Itapuranga-GO

Laila Mayara Drebes¹
Flávia Sousa Oliveira²

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2018.42.375-404>

Recebido em: 5/8/2016
Aceito em: 16/3/2017

Resumo

Migrações internas e internacionais têm acontecido na agricultura familiar brasileira, afetando, especialmente, a juventude rural. Este estudo analisou as implicações dessas migrações na construção social da juventude rural e suas consequências sobre a agricultura familiar. Em termos metodológicos, a investigação foi conduzida no formato de estudo de caso e realizada no município de Itapuranga, Estado de Goiás, em março de 2014. Os dados foram coletados por meio de entrevistas de roteiro semiestruturado com agentes sociais envolvidos nas migrações e, também, pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e observações assistemáticas. As transformações na socialização dos jovens desencadearam a construção de uma juventude rural migrante, cujos horizontes sociais foram expandidos do limite local ao global com o surgimento das migrações internacionais junto às migrações internas. Essas migrações também favoreceram o esvaziamento, o envelhecimento e a “masculinização” da agricultura familiar, causando dificuldades na reprodução social. Em síntese, as migrações têm indicado novas maneiras de viver a juventude em áreas rurais e transformado as relações sociais existentes, exigindo uma ótica diferenciada de desenvolvimento.

Palavras-chave: Desenvolvimento rural. Esvaziamento rural. Migrações internas. Migrações internacionais. Reprodução social.

¹ Doutoranda e mestra em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria. drebeslm@gmail.com

² Mestra em Agonegócios pela Universidade Federal de Goiás. Professora das Faculdades Aliança de Itaberaí-GO e de Jussara-GO. flaviasousa-oliveira@hotmail.com

THE SOCIAL CONSTRUCTION OF RURAL YOUTH IN THE FACE OF MIGRATORY PROCESSES: A CASE STUDY OF THE FAMILY FARMING OF ITAPURANGA-GO

ABSTRACT

Internal and international migrations have taken place in the Brazilian family farming, affecting especially the rural youth. This study examined the implications of migration on the social construction of rural youth and its consequences on the family farming. In terms of methodology, the research was conducted in the case study format and held in the city of Itapuranga, state of Goiás, in March 2014. Data were collected through semi-structured interviews with social workers involved in migration and also bibliographic research, documentary research and unsystematic observations. The transformations in the socialization of young people triggered the construction of a migrant rural youth, whose social horizons were expanded from the local to the global limit with the emergence of international migration along the internal migration. These migrations also favored emptying, aging and masculinization of family farming, causing difficulties in social reproduction. In summary, migrations have shown new ways to live the youth in rural areas and transformed the existing social relationships, requiring a different perspective of development.

Keywords: Rural development. Rural emptying. Internal migration. International migration. Social reproduction.

O tema das migrações entre os jovens rurais tem se mostrado relevante nas reflexões sobre estratégias de desenvolvimento em áreas de agricultura familiar. De fato, as estratégias de desenvolvimento reconhecidas no cenário rural brasileiro, vinculadas ao mito moderno do desenvolvimento por meio do ideário difusionista, sustentado na Revolução Verde, resultaram em um êxodo massivo e seletivo.

Nesse sentido, conforme o resgate realizado no estudo de Camarano e Abramovay (1998), entre as décadas de 60 e 80, as áreas rurais nacionais produziram 27 milhões de migrantes, sobretudo jovens, com maior incidência do sexo feminino. Nesse período configurou-se um êxodo alarmante que resultou em áreas de agricultura familiar esvaziadas, envelhecidas e masculinizadas. Em virtude desses indicativos “desruralizantes”, muitos estudiosos dedicaram-se a essas migrações internas, como Abramovay (1998), Carneiro (1999), Silvestro (2001), Stropasolas (2003), Brumer (2004), Gaviria e Menasche (2006), Spanevello (2008), Weisheimer (2009) e Castro (2009), entre outros.

Mesmo com inúmeros estudos, as migrações internas dos jovens rurais continuaram integrando os temas relevantes ao desenvolvimento das áreas de agricultura familiar, acrescidos atualmente, também, da ocorrência de migrações internacionais, como mostram os estudos de Renk e Cabral Jr. (2002) e de Pereira (2007, 2012).

Contemporaneamente, as migrações internas e internacionais entre os jovens rurais são encontradas em muitas áreas de agricultura familiar, tornando ainda mais intrincado o seu desenvolvimento, tendo em vista, entre outros aspectos, a maximização dos horizontes sociais dos jovens rurais e a complexificação do cenário de reprodução das famílias de agricultores.

Nesse sentido, o estudo teve como objetivo analisar as implicações das migrações internas e internacionais sobre a construção social da juventude rural e as consequências dessas migrações sobre a agricultura familiar no âmbito do município de Itapuranga, Estado de Goiás.

Procedimentos Metodológicos

De caráter qualitativo, o estudo foi conduzido no formato de estudo de caso, desenvolvido em março de 2014, no município de Itapuranga, localizado geograficamente no Estado de Goiás, mais especificamente na mesorregião do Centro Goiano e na Microrregião de Ceres, a aproximadamente 160 km da atual capital do Estado, Goiânia, e a cerca de 50 km da antiga capital, Goiás Velho.

Em termos amostrais, Itapuranga foi selecionada intencionalmente em virtude das características peculiares do município no que diz respeito à agricultura familiar, juventude rural e migrações internacionais, tornando-a um verdadeiro achado científico como universo de análise em um estudo com esse tema, como já havia sido evidenciado na pesquisa de Marin e Neves (2013).

Segundo dados do Censo Demográfico de 2010, dos 26.125 habitantes itapuranguenses, 81% residiam na área urbana e 19% na área rural (INSTITUTO..., 2010). Além disso, conforme dados do Censo Agropecuário de 2006, de um total de 1.459 estabelecimentos agropecuários existentes em Itapuranga, aproximadamente 77% eram de agricultura familiar, dedicados à produção de frutas, olerícolas, cereais e leite e, também, cana-de-açúcar. Entre os municípios goianos, Itapuranga está na 12ª colocação no ranking relativo ao número de estabelecimentos agropecuários de agricultura familiar (INSTITUTO..., 2006).

Em relação às migrações internas e internacionais entre jovens oriundos da agricultura familiar, Itapuranga evidencia uma constante redução de sua juventude rural. Conforme os dados dos Censos Demográficos do IBGE,³ desde o ano de 1970 a população rural do município tem se tornado cada vez menor, com ênfase especial para a juventude rural. Em 1970 Itapuranga

³ Para o IBGE, a juventude é entendida como uma faixa etária, abrangendo indivíduos de 15 a 24 anos de idade.

ga tinha 4.147 jovens rurais. Em 1980 esse número reduziu-se para 3.066 jovens rurais. Em 1991, existiam ainda 2.488 jovens rurais. No ano de 2000 foram contabilizados 1.305 jovens rurais. Em 2010, restaram somente 503. Isso representou uma drástica redução de praticamente 90% da juventude rural, que indica a ocorrência de migrações (INSTITUTO..., 1970, 1980, 1991, 2000, 2010).

No que se refere especificamente às migrações internacionais, o destaque recaiu não apenas sobre o município de Itapuranga, mas sobre o próprio Estado de Goiás. Conforme os dados do último Censo Demográfico, em 2010, Goiás foi o Estado brasileiro com maior incidência de emigrações internacionais em proporção, existindo 5,92 emigrantes internacionais para cada mil habitantes goianos. Ainda conforme esses dados, 324 emigrantes internacionais goianos eram provenientes do município de Itapuranga, o que conferiu ao município a 14ª posição no ranking de emigrações internacionais do Estado de Goiás (IBGE, 2010). Essas emigrações tornaram-se tão volumosas que a Secretaria dos Assuntos Internacionais do Estado, criada em 1999, acabou integrando as migrações internacionais entre suas atribuições, auxiliando os migrantes internacionais de origem goiana mediante assistência consular e diplomática (CHIDIAC, 2011). Marin (2013, p. 290) evidenciou que essas migrações internacionais tornaram-se recorrentes também entre os jovens rurais de Itapuranga, tendo em vista que muitos agricultores familiares têm “compartilhado a dor recente e latente de ver filhos, netos ou parentes migrarem para os Estados Unidos, Espanha ou Portugal, em busca de trabalho e melhores condições de vida que já não eram possíveis somente com os ganhos da pequena propriedade”.

Diante desse cenário, a coleta de dados do estudo foi sustentada, sobretudo, em entrevistas de roteiro semiestruturado realizadas com agentes sociais envolvidos nas migrações internas e internacionais ocorrentes no município, com o intuito de entender os fenômenos migratórios e de mapear suas implicações sobre a juventude rural e a agricultura familiar de Itapuranga. Assim, foram entrevistados agentes sociais diversos, como jovens

rurais migrantes, agricultores familiares, representantes de instituições vinculadas com a agricultura familiar, representantes de instituições voltadas às migrações, professores ativos e aposentados, totalizando nove entrevistas.

Considerando a capacidade desses agentes sociais de construir uma visão panorâmica sobre as migrações internas e internacionais, a agricultura familiar e a juventude rural no município (em sua maioria, em virtude de sua idade mais avançada) eles foram metodologicamente entendidos como informantes-chave. Uma sucinta caracterização destes agentes sociais entrevistados encontra-se no Quadro 1.

Quadro 1 – Caracterização dos informantes-chave entrevistados

ENTREVISTADO	IDADE	CARACTERIZAÇÃO
Alice	56 anos	Representante da Agricultura Familiar
Bartolomeu	33 anos	Representante da Agricultura Familiar
Francisco	68 anos	Professor Universitário Aposentado
Geraldo	55 anos	Agricultor Familiar e Pai de Jovens Rurais Migrantes
Getúlio	62 anos	Agricultor Familiar e Pai de Jovens Rurais Migrantes
Gilberto	67 anos	Agricultor Familiar e Pai de Jovens Rurais Migrantes
Ieda	53 anos	Representante da Pastoral dos Migrantes
Luísa	23 anos	Jovem Rural Migrante Internacional
Oscar	57 anos	Engenheiro Agrônomo e Diretor de Escola de Ensino Básico

Fonte: Elaboração das autoras.

De maneira complementar, também foram coletados dados por meio de pesquisa bibliográfica (centrada em estudos científicos sobre agricultura familiar, juventude rural, migrações internas e internacionais e outros temas relacionados), pesquisa documental (sustentada em séries estatísticas históricas sobre a realidade analisada) e observações assistemáticas (focalizadas nos valores e costumes da agricultura familiar de Itapuranga).

Construção Social de uma Juventude Rural Migrante: do “Local” ao “Global”

Em Itapuranga, as transformações vivenciadas na agricultura familiar vinculadas às migrações envolveram ativamente os jovens rurais, modificando muitas de suas características. A juventude, no entendimento de Bourdieu (2003), é uma construção social variável em termos espaciais e temporais, conforme critérios sociais e biológicos em constante negociação. Nesse sentido, transformações como as encontradas entre os jovens rurais itapuranguenses são comuns e estão relacionadas com as mudanças na agricultura familiar em si.

Segundo Feixa (2000), existe uma via relativa à construção social da juventude relacionada com as condições sociais vivenciadas entre os jovens em uma sociedade, vinculadas com gênero, classe, etnia, território, entre outras. Essas condições sociais referem-se a normas de conduta e valores vigentes nessa sociedade e elas “*não se limitam à relação direta entre pais e filhos, e sim a um conjunto mais amplo de interações cotidianas entre membros de gerações diferentes, na família, na vizinhança, na escola, nas redes de amizade, nas entidades associativas, etc.*” (FEIXA, 2000, p. 79, tradução nossa).⁴

Referindo-se à juventude rural, essa construção sustentada em condições sociais se mostra-se extremamente relevante. Para Marin (2009, p. 621, tradução nossa),⁵ “*o estudo da juventude rural requer a compreensão das especificidades das relações de dependência com a vida e o trabalho nos espaços agrários, assim como as redes de relações econômicas, políticas e culturais em que os jovens e suas famílias estão imersos*”. Nesse mesmo sentido, Weisheimer (2009) conecta o estudo da juventude rural aos seus processos de socializa-

⁴ “No se limitan a la relación directa entre ‘padres’ e ‘hijos’, sino a un conjunto más amplio de interacciones cotidianas entre miembros de generaciones diferentes, en el seno de la familia, el vecindario, la escuela local, las redes de amistad, las entidades asociativas, etc.” (FEIXA, 2000, p. 79).

⁵ “El estudio de la juventud rural requiere la comprensión de las especificidades de las relaciones de dependencia con la vida y el trabajo en los espacios agrarios, así como de las redes de relaciones económicas, políticas y culturales en que los jóvenes y sus familias están inmersos” (MARIN, 2009, p. 621).

ção. Conforme Pais (1990), os processos de socialização dizem respeito aos ordenamentos sociais transmitidos por meio de normas em termos coletivos (macrossociais), assim como a execução, a modificação ou a negação dessas normas em termos individuais (microsociais).

No caso de Itapuranga, entre o início da década de 40 e o encerramento da década de 70, os jovens da agricultura familiar constituíam uma “juventude local”, com seus processos de socialização sendo restritos ao âmbito rural, relacionados necessariamente com as famílias e com as comunidades. Nesse sentido, na agricultura familiar itapuranguense a socialização dos jovens acontecia por meio do trabalho.

De acordo com Weisheimer (2009), nessa forma de socialização reina a instituição de saberes, normas e valores do universo da família. Logo, são incorporados conhecimentos exclusivos associados com a configuração de identidades sociais e profissionais conectadas com a agricultura, as quais também refletem os dilemas e as características diferenciadas das situações vivenciadas entre os jovens rurais.

A socialização pelo trabalho também reproduz relações de gênero, em que homens e mulheres assumem ambientes e atividades distintos. Desse modo, além de adquirir saber prático, os jovens rurais interiorizam a ética específica da agricultura familiar. Assim, “o processo de trabalho constitui-se no espaço privilegiado de socialização das novas gerações na lógica do trabalho e da produção agrícola” e “se configura no meio objetivo no qual se inserem os jovens e que possibilita a sua representação social como jovem agricultor familiar” (WEISHEIMER, 2009, p. 111).

Em virtude dessa socialização, a agricultura familiar era o mundo dos jovens rurais, sendo considerada a única possibilidade de futuro possível a eles, que tinham pouco contato com o meio urbano, como mostrou em seu depoimento a informante-chave Ieda, representante da Pastoral dos Migrantes de Itapuranga:

A juventude, ela era mais familiar, o jovem, ele crescia ajudando o pai trabalhar a terra, a moça ajudando a mãe nos afazeres da casa, a cuidar da família, e o jovem lá na roça ajudando o pai. Isso a gente via muitos rapazes de mãos calejadas, que hoje a gente não tem mais... Então, tinha muito isso, os meninos das mãos calejadas. Tanto é que na escola, às vezes, eles tinham vergonha dessas mãozinhas cheias de calos. Quando vinham estudar na cidade, eles tinham vergonha dessas mãos calejadas (Ieda, 53 anos).

De acordo com Jurado e Tobasura (2012), analisando a construção social da juventude rural na Colômbia, uma característica associada a ela era a vida comunitária. Essa característica também foi encontrada na antiga agricultura familiar em Itapuranga, como mencionou Oscar, engenheiro agrônomo e diretor de escola, em sua entrevista: *“O jovem no meio rural, como ele vivia em comunidades mais isoladas, tinha um convívio familiar maior, uma convivência comunitária maior, mais intensa, então ele tinha um comportamento um pouco diferente”* (Oscar, 57 anos).

Nesse sentido, à juventude rural de Itapuranga eram atreladas condutas de reciprocidade. Segundo Sabourin (2009), a reciprocidade sustenta-se sobre a localidade, a proximidade, o parentesco, a espiritualidade, o compartilhamento de recursos (saberes, práticas e valores) e o sentimento de pertencimento, originando vínculos sociais e afetivos. No entendimento de Woortmann (1990a) e Van der Ploeg (2008), a reciprocidade era socialmente construída e culturalmente acionada nas realidades rurais devido aos seus valores éticos e instrumentais. Por isso, em Itapuranga, os jovens rurais eram considerados atuantes nessas relações sociais e afetivas norteadas pela reciprocidade. Os informantes-chave entrevistados enfatizaram a intensa participação da juventude rural nos mutirões, muito comuns no passado.

De acordo com Candido (2010), em estudo sobre os meios de vida dos agricultores no Estado de São Paulo, os mutirões consistiam na reunião entre todas as famílias de uma determinada comunidade rural para traba-

lhar durante um dia inteiro em favor de uma única família, normalmente em trabalhos intensos, nas situações em que se necessitava muita mão de obra, inviabilizando a sua execução sem o auxílio mútuo. Normalmente, concluído o dia e o trabalho, à noite o mutirão era encerrado com uma confraternização entre todos os participantes, quando a família favorecida proporcionava comida, bebida e até diversão aos colaboradores. Além disso, também eram comuns as “trocas de dias de serviço”, por meio das quais as famílias se revezavam umas trabalhando para as outras.

Algumas nuances relacionadas aos mutirões foram constatadas na entrevista realizada com Getúlio, um agricultor familiar de Itapuranga com quatro filhos, dos quais apenas um deles ainda se encontra na propriedade rural trabalhando com os pais, os demais são migrantes internos:

É, igual uns anos atrás, você fazia um mutirão. Você tava com o pasto sujo, uma roça suja, quando amanhecia o dia, ali pelas quatro horas, arrebetava foguete na sua porta e fazia aquela bagunça. Uma tradição muito bonita. Aí chegava na sua roça limpava tudo, abatia pasto. Tinha quadra aí que juntava cem homens, cinquenta homens! Era aquele farrão! Vinha todo mundo embora, chegava em casa de noite e já tinha que arrumar barraca porque tinha alguma dança. Dançava a noite inteira aquele povo. Era uma cultura muito importante sabe, mas hoje não existe isso mais. [...] Como diz, acabou essa cultura, então no nosso mundo, essa cultura morreu. Se tiver, é muito longe daqui (Getúlio, 62 anos).

Além disso, também a diversão dos jovens era concentrada no meio rural de Itapuranga. Em virtude dessa intensa vida comunitária e familiar realizavam-se muitos bailes e festas e, também, muitos jogos de futebol, os quais consistiam nos principais espaços de interação entre os jovens e os seus meios de diversão, como evidenciou Alice, uma agricultora familiar que exerceu vários cargos de representatividade em Itapuranga, ao relembrar sua própria juventude no meio rural.

Assim, eu acho que a mudança é muito grande. Quando eu tava ali pelos meus dez anos, quinze anos, a nossa região era muita gente. No nosso município, a maioria tava no meio rural. Então quando fazia as festinhas no final de semana, aqueles bailes, era muita moça e muito rapaz que iam nas festas, porque o pessoal vivia ali: no campo (Alice, 56 anos).

Em grande medida, essa juventude local deveu-se à ínfima interferência da escola sobre a socialização. Como expresso no estudo de Brandão (1983), sobre a educação no meio rural no município de Mossâmedes, Estado de Goiás, os valores sociais relacionados com a escola eram incompatíveis com os valores sociais vinculados com a família rural. Dessa maneira, essa juventude cresceu e se desenvolveu afastada da escola, cursando apenas as séries escolares existentes nas instituições no meio rural. Isso causou sérias consequências em seu futuro, como salientou Alice ao comentar sobre as gerações de jovens rurais que vivenciaram essa fase:

Agora, era um povo semianalfabeto, a maioria não tinha escola, né. O pessoal estudou muito pouco. O nosso pessoal mais velho, você vai perceber que muitos nem assinam o nome. Então, nesse sentido foi muito ruim. [...] A questão da informação, da escola, da educação, né. Era um negócio gritante (Alice, 56 anos).

Os processos de modernização da agricultura e a maior integração entre os setores agrícolas, industriais, financeiros e comerciais, contudo, desencadearam diversas mudanças na agricultura familiar de Itapuranga, ao longo das décadas de 80, 90 e 2000, que repercutiram sobre os jovens rurais. Para efeitos deste artigo, destacamos a intensificação das migrações internas e, mais adiante, o surgimento das migrações internacionais. Nesse sentido, essa juventude que ao longo do século 20 se mostrou local, ao adentrar o século 21 inicia um rompimento de fronteiras muito significativo, expandindo sua atuação até alcançar o nível global e, de certa maneira, minimizando suas condutas sustentadas na reciprocidade em favor da ascensão de condutas individualizadas.

Embora a socialização dos jovens da agricultura familiar itapuranguense por meio do trabalho continue até os dias atuais, a mesma não mais se restringe às famílias e às comunidades rurais. Desse modo, uma mudança importante no âmbito da juventude consistiu na urbanização escolar, tendo em vista o fechamento das escolas no meio rural e a crescente ascensão da obrigatoriedade escolar associada à condenação ao trabalho infantil.

Como evidenciado no estudo de Drebes e Marin (2014), relativo às implicações das escolas sobre a socialização das crianças na agricultura familiar de Itapuranga por intermédio do trabalho, a escola vem assumindo cada vez mais importância na socialização dos filhos dos agricultores familiares, não somente em razão das leis vigentes, mas também das transformações socioeconômicas ocorrentes no meio rural, criadoras da necessidade de novos conhecimentos.

Atualmente, os jovens rurais itapuranguenses cursam até mesmo o Ensino Superior, embora muitas vezes isso aconteça em detrimento de sua condição como agricultor familiar. A própria família rural, no entanto, assumiu a escolarização como uma conduta necessária à formação de seus jovens, incentivando-os. Assim, a lacuna existente entre os níveis de escolaridade entre as antigas e as atuais gerações de jovens rurais itapuranguenses é muito significativa, como salientou Alice:

Agora, por outro lado, a nossa juventude hoje, queira ou não queira, ela tá dentro da faculdade. Pelo menos isso ela tá fazendo, ela tá estudando e isso é muito importante. Porque o conhecimento é fundamental. Porque dinheiro você pode ir ali na esquina e alguém te assalta e você fica sem. Conhecimento não, aonde você for você vai carregar ele. Seja no Brasil, fora do Brasil, aonde você estiver. A maior riqueza de uma pessoa é o conhecimento e isso a nossa juventude rural tem (Alice, 56 anos).

Considerando as transformações processadas no meio rural, o próprio trabalho da juventude no âmbito da agricultura familiar se transformou. As tecnologias agrícolas causaram muitas mudanças no trabalho e, consequente-

mente, afetaram os jovens rurais, minimizando a conduta de auxílio mútuo e acentuando os projetos profissionais individuais, muitas vezes incompatíveis com a realidade de suas famílias, como mostrou o relato de Ieda.

Hoje mesmo que o jovem queira estar na roça, ele já está mais com outros objetivos, com o sonho de maquinizar a roça, maquinizar a lavoura, maquinizar tudo. É máquina pra isso, é máquina pra aquilo. Dificilmente hoje você vê o jovem com uma enxada na mão. O sonho dele pra área rural é mais tecnológico, não é mais aquele sonho de ajudar a fazer isso ou aquilo, não (Ieda, 53 anos).

E considerando o surgimento e a disseminação de outras tecnologias, como o automóvel, a motocicleta, a televisão, o telefone, o computador e, mais recentemente, a *Internet*, estas também incidiram sobre os valores até então característicos da juventude rural itapuranguense. O senso de localidade foi velozmente transformado em um senso de mobilidade, e os jovens rurais deram-se conta que o mundo não se restringia ao meio rural. Nesse sentido, as tecnologias, sobretudo de comunicação e informação, também começaram a interferir sobre a socialização desses jovens.

Segundo Jurado e Tobasura (2012), entre os jovens rurais colombianos, as tecnologias de comunicação e de informação dinamizaram o seu consumo material e cultural e suas interações sociais, modificando sua vida cotidiana e sua formação, refletindo, inclusive, sobre sua identidade. Conforme Durston (1998), na América Latina essas tecnologias promoveram valores consumistas e disseminaram mensagens negativas sobre a vida no meio rural e o trabalho na agricultura. Em Itapuranga, o advento das tecnologias afetou até mesmo os meios de diversão e de sociabilidade desses jovens rurais, como mostrou Francisco, professor universitário aposentado, ao comparar a juventude rural da época em que chegou em Itapuranga com a juventude rural contemporânea:

Olha, a diferença é muito grande. Primeiramente, na época em que nós chegamos, o jovem da zona rural ele ficava praticamente dentro da propriedade da sua família. Com o passar do tempo, o que nós observamos, as facilidades foram aparecendo e hoje praticamente todo jovem da zona rural ou tem moto ou tem carro. Então, o deslocamento para ele vir na cidade, o divertimento que antes era nos bailes da zona rural passou a ser nos points da zona urbana. [...] Então, muitos são moradores da zona rural que estão ali para se divertir, através dos meios de locomoção que eles têm hoje. Antigamente era difícil, o cara ou vinha de bicicleta ou a cavalo, na carroça, né. Normalmente não tinha a facilidade que tem hoje. Então, nós estamos observando, a maioria da zona rural hoje já tem Internet. É interessante isso? É interessante. Então, os jovens hoje estão ligados e conectados. Na zona rural até a gente tava em um mutirão esses tempos, e um jovem: “não, agora eu tenho que passar lá em casa que eu tenho que entrar no Facebook”. [risos]. Então, tudo bem, passa. Então a diferença é essa aí. Até a forma de diversão também mudou. Hoje em dia o jovem da zona rural vem se divertir na cidade. E antes tinha os bailes da zona rural nos fins de semana, sábado. Iam nos bailes da zona rural, nos mutirões que faziam, nas tradições e tal. Normalmente ele não vinha se divertir na cidade, raramente. Quando acontecia de ter festa popular na cidade, então eles vinham e se divertiam aqui na festa, mas era festa popular, festa de todo mundo. Agora hoje já vem nos finais de semana. Não precisa ter uma festa tradicional, já vem porque não tem uma diversão na zona rural (Francisco, 68 anos).

Assim, as diferenças anteriormente marcantes entre jovens rurais e jovens urbanos tornaram-se mais tênues. De acordo com Feixa e Nilan (2009), ao teorizar sobre a juventude da Espanha, encontra-se em ascensão uma “juventude global”, ou seja, um coletivo híbrido cujas subjetividades são construídas com base em materiais também híbridos, oriundos de culturas, consumos, resistências, transnacionalismos e digitalismos globalizados, que embora gerem identidades geracionais cada vez mais deslocalizadas, não as homogeneízam. Como explicado por Wanderley (2007, p. 31), ao estudar os jovens rurais de Pernambuco, “se não cabe isolar, não cabe também diluí-los numa pretensa homogeneidade, que desconhece as formas particulares de viver a juventude, quando se é jovem nas áreas rurais brasileiras”. Nesse

mesmo sentido, Hall (2000) discorre sobre uma crise de identidade diante das intensas transformações vivenciadas atualmente. Para o autor, as realidades sociais tornaram-se variáveis e, assim, também as identidades tornaram-se descentralizadas, instáveis, contraditórias e inacabadas.

Segundo Pereira (2007), a globalização, o desenvolvimento do capitalismo nas áreas rurais e a disseminação do modo de vida urbano para além dos limites das cidades transformaram os padrões de consumo e de comportamento das populações rurais, sobretudo dos jovens. Em Itapuranga, essas influências sobre a juventude rural foram visualizadas no relato de Oscar, contando sobre os alunos rurais estudantes em sua escola:

O comportamento dos jovens de Goiânia é o mesmo de Itapuranga aqui, hoje. Não existe mais essa distância. Eu acredito que talvez até dos jovens de Nova York, de Londres, é tudo a mesma coisa que aqui, né. É a mesma moda, o mesmo jeito, o mesmo brinco na orelha. Eu tive alunos que, é comum, por exemplo, a questão do brinco na orelha. Na época em que eu dava aula, era uma ousadia um aluno ter brinco na orelha. E de repente aparece um caboclo lá da roça, lá das Lages [região], e um aluno fantástico, trabalhador demais, que você via pelas mãos, grossas e tudo, com um brinco na orelha, no colégio lá, de boa. [...] É a onda: vem... vai... A própria urbanização facilita esse processo de assimilação dessas tendências que surgem no mundo a qualquer momento (Oscar, 57 anos).

Nesse sentido, Kessler (2005, p. 4, tradução nossa),⁶ ao refletir sobre a juventude rural colombiana, concluiu que ela é *“uma juventude atravessada por uma série de tensões, em maior grau que seus pares urbanos: entre migrar ou permanecer, entre continuar estudando ou trabalhar, entre identidades locais ou globais”*. Situação análoga é encontrada entre os jovens rurais itapuranguenses, socialmente construídos como uma juventude rural migrante.

⁶ “Una juventud atravessada por una serie de tensiones, en mayor grado que sus pares urbanos: entre migrar o permanecer, entre continuar estudiando o trabajar, entre identidades locales o globales” (KESSLER, 2005, p. 4).

Uma Agricultura Familiar sem Jovens Rurais: implicações das migrações internas e internacionais

Como evidenciado anteriormente, a agricultura familiar de Itapuranga constitui-se em cenário de inúmeras transformações relacionadas aos processos de socialização das novas gerações rurais, favorecendo a ocorrência de migrações rumo a centros urbanos nacionais e internacionais.

Assim como são inúmeras as decisões, as causalidades e as intenções envolvidas nas migrações rurais juvenis, também são várias as suas consequências nos estabelecimentos e famílias rurais. As migrações internas e internacionais dos jovens rurais em Itapuranga encontram-se nas raízes do esvaziamento, do envelhecimento e da “masculinização” do território da agricultura familiar, como mostra o relato do agricultor familiar Gilberto:

Isso aqui daqui dez anos vai virar deserto. Os filhos não vai querer isso aqui mesmo. Os netos não querem. Você pode ver que aonde você vai você só acha o dono. Você vai rodar o município de Itapuranga, você não vai achar três propriedades que é um filho que está tomando conta. Você anda aqui, você não encontra jovem no trabalho aqui não. Quando encontra um, ele ainda tá escorado no pai e na mãe. Agora o dia que a mãe e o pai sair da frente, ele não para em pé, ele vai bater lá na cidade (Gilberto, 67 anos).

Esse cenário existente na agricultura familiar itapuranguense pode ser comparado ao que Bourdieu (2000) denomina de “conversão coletiva”. Trata-se de um processo que começa com a progressiva queda das barreiras entre os universos rural e urbano, permitindo uma comparação entre eles, tornando percebidas e apreciadas as vantagens associadas à existência urbana. A conversão coletiva, portanto, representa a atração do modo de vida urbano exercida sobre as mentes convertidas as suas seduções, conferindo aos aspectos sociais um poder simbólico fundado no reconhecimento concedido de forma unânime aos valores dominantes.

Ainda segundo Bourdieu (2000), os agentes menos apegados à terra e à casa são os que oferecem a menor resistência às forças de atração externas e que percebem antes que os outros as vantagens da migração. No caso de Itapuranga poderíamos afirmar que estes agentes são os jovens, principalmente as moças. Como reflexo dessa “conversão coletiva” a agricultura familiar de Itapuranga começa a enfrentar embaraços relacionados à reprodução social dos estabelecimentos rurais familiares.

De acordo com Bourdieu (2011), a reprodução social refere-se às relações constituintes da ordenação das sociedades, com essa ordem social sendo relacionada com a manutenção e a sustentação de ações de construção e reconstrução de suas estruturas “objetivas”, ou seja, os capitais, e de suas estruturas “subjativas”, isto é, os *habitus*. Ao contrário do que se possa imaginar, contudo, a reprodução social não se restringe a uma mera conservação da estrutura do grupo mediante o consenso entre os capitais e os *habitus* em campo, mas envolve, também, a transformação de sua estrutura por meio do dissenso existente entre ambos.

Considerando a reprodução social no âmbito das famílias, Bourdieu (2011) elenca uma série de estratégias sistematicamente relacionadas e utilizadas em diferentes momentos do seu ciclo de vida, segundo um processo irreversível e cronologicamente articulado. Algumas são de curto e outras de longo prazo, estando agrupadas em estratégias biológicas, educativas, de investimento social, de investimento econômico, de investimento simbólico e de sucessão.

Em relação a essas últimas, ou seja, às estratégias sucessórias, elas visam a transmitir a herança (isto é, repassar capitais e perpetuar *habitus*) entre gerações sucessivas com o mínimo de avarias dentro dos limites oferecidos, recorrendo, ainda, a artifícios e subterfúgios encontrados (BOURDIEU, 2011).

Nesse sentido, as migrações internas e internacionais de jovens oriundos da agricultura familiar de Itapuranga têm deixado inúmeros estabelecimentos rurais sem sucessores, inviabilizando a sua continuidade e ameaçando, assim, a sobrevivência da agricultura familiar. É possível afirmar que a migração – como projeto individual da juventude – tem se sobreposto à sucessão – na condição de projeto coletivo da família – como estratégia de reprodução social.

Autores como Garcia Jr. (1989), Woortmann (1990b) e Menezes (2012), ao considerarem as migrações de camponeses do Nordeste rumo ao Sudeste brasileiro, sobretudo de jovens, explicaram tais migrações como estratégias diferenciadas de reprodução social do campesinato, também transmitida de geração para geração. Estas migrações funcionam como rituais de passagem para os jovens rurais em direção à construção de sua autonomia, destacando-se que antes das migrações estes jovens são apenas rapazes e moças e após as migrações já podem ser considerados homens e mulheres. Essa reprodução social, todavia, não necessariamente estará vinculada com a vida no meio rural ou com o trabalho na agricultura. Em muitos casos as migrações significam a saída definitiva do meio rural como consequência da inviabilidade da condição de camponês.

Esse tem sido o caso da grande maioria dos filhos e filhas de agricultores familiares de Itapuranga que migram para centros urbanos no Brasil ou no exterior. Assim, muitas vezes as migrações não são estratégias ótimas de reprodução social em relação ao meio rural e à agricultura. Mesmo os jovens rurais que migram temporariamente, retornando a Itapuranga, dificilmente voltam a residir no meio rural e trabalhar na agricultura. Essa evidência encontra-se no relato de Alice, uma agricultora familiar que exerceu vários cargos de representatividade em Itapuranga: *“Mas é muito difícil. E você sente que eles voltam também, deixam o pai e mãe lá na propriedade e quando eles voltam não conseguem morar mais lá. Vêm morar no centro. Então, é uma situação muito difícil”* (Alice, 56 anos).

Em relação ao esvaziamento no meio rural de Itapuranga, este é facilmente visualizado nos dados dos Censos Demográficos do IBGE (1970; 1980; 1991; 2000; 2010), sintetizados na Tabela 1. Atualmente existem em torno de 76,6% menos habitantes rurais em relação ao ano de 1970. Além disso, nos dias atuais, a população rural itapuranguense é aproximadamente 4,3 vezes menor que a população urbana. Esses dados refletem as migrações que aconteceram no âmbito da agricultura familiar.

Tabela 1 – Esvaziamento do meio rural de Itapuranga – GO

POPULAÇÃO	ANOS				
	1970	1980	1991	2000	2010
Urbana	9.227	15.492	19.885	19.905	21.235
Rural	20.859	14.866	11.330	6.835	4.890
TOTAL	30.086	30.358	31.215	26.740	26.125

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados dos Censos Demográficos (INSTITUTO..., 1970, 1980, 1991, 2000, 2010).

Esse esvaziamento também é visualizado no relato de Oscar, engenheiro agrônomo e diretor de escola, ao refletir sobre as transformações demográficas ocorrentes no cenário rural itapuranguense. Nesse sentido, é válido ressaltar que muitos estabelecimentos rurais em Itapuranga estão sendo abandonados ou transformados em sítios de recreação para a família se reunir em feriados e fins de semana:

Hoje é o esvaziamento do campo por completo. Então, praticamente, hoje ninguém mora no campo. Até mesmo os pequenos produtores. Acho que uma boa parte deles que têm propriedade rural e que ainda trabalham no campo, normalmente eles moram na cidade. Eles vão e voltam, entendeu né, moto. Então, você anda pelo campo e vê um deserto de gente, praticamente não tem gente (Oscar, 57 anos).

Em Itapuranga, as migrações internas e internacionais também favoreceram a ocorrência do fenômeno de envelhecimento dos habitantes rurais. As migrações dos jovens rurais rumo a centros urbanos nacionais e/ou internacionais têm levado à concentração de adultos e idosos nos estabelecimentos rurais, isto é, das gerações mais antigas em detrimento das gerações mais novas. Assim, os estabelecimentos que não são abandonados ou transformados em sítios de recreação não costumam contar com agricultores jovens.

Segundo Froehlich et al. (2011), o envelhecimento é o resultado da combinação entre os jovens que saem e os idosos que ficam, sobretudo em virtude da estabilidade mínima conferida pela aposentadoria rural. De maneira semelhante, Wedig, Wizniewsky e Rambo (2007), em estudo conduzido em assentamento rural no município gaúcho de Capão do Leão – RS, mostram o envelhecimento por meio da existência maciça de estabelecimentos rurais somente com casais aposentados residentes.

Em Itapuranga, esse envelhecimento é notado por um sucessivo aumento dos habitantes rurais nas faixas etárias de 60 a 69 anos, 70 a 79 anos e mais de 80 anos, como visualizado na Tabela 2. Em contrapartida, acontece a redução dos habitantes rurais nas demais faixas etárias, incluindo os jovens.

Tabela 2 – Envelhecimento do meio rural de Itapuranga - GO

FAIXA ETÁRIA	ANOS				
	1970	1980	1991	2000	2010
0 – 9 anos	7.589	4.710	2.498	1.065	553
10 – 19 anos	5.118	3.752	2.646	1.302	663
20 – 29 anos	3.322	2.435	2.171	1.255	474
30 – 39 anos	2.163	1.583	1.514	1.106	845
40 – 49 anos	1.364	1.181	1.072	822	807
50 – 59 anos	809	644	795	641	662
60 – 69 anos	353	408	438	395	521
70 – 79 anos	88	96	154	179	241
> 80 anos	31	31	42	70	125
TOTAL	20.837	14.840	11.330	6.835	4.891

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados dos Censos Demográficos (INSTITUTO..., 1970, 1980, 1991, 2000, 2010).

Além disso, o envelhecimento é facilmente notado, não somente nos relatos dos agricultores familiares entrevistados, como também por meio dos cabelos brancos, das rugas profundas e dos olhares cansados. Diante dessa realidade, os relatos descrevem um cenário com muito trabalho, mas carente da energia dos jovens. As migrações internas e internacionais têm causado escassez de mão de obra na agricultura familiar:

Vive eu e a esposa aqui na zona rural. A gente trabalha com plantio de hortifruti e na área de leite. Tira leite de manhã e à tarde. Fazemos feirinha as quinta-feira, feirinha do produtor na cidade. E o restante da parte do tempo se dedicando aqui na zona rural (Geraldo, 55 anos).

Pra todo lado que você vai é só os dois velhos. Vai noutra casa é só os dois velhos. Não tem um jovem lá. Pra poder falar não tem um jovem aqui, tem o meu. Você pega pro Laranjal [região] aí a fora, pega lá na AABB e saí lá na cerâmica Mota pra você vê se acha? Não acha (Getúlio, 62 anos).

Em somatório, o meio rural de Itapuranga também é arena do fenômeno denominado “masculinização”, ou seja, o aumento do número de indivíduos do sexo masculino em relação ao número de indivíduos do sexo feminino residentes no meio rural. Os dados dos Censos Demográficos (1970, 1980, 1991, 2000, 2010) mostram essa realidade de “masculinização” do meio rural. Conforme a Tabela 3, em todos os Censos Demográficos o total de mulheres residentes no meio rural de Itapuranga mostrou-se inferior ao total de homens.

Tabela 3 – “Masculinização” do meio rural de Itapuranga – GO

POPULAÇÃO	ANOS				
	1970	1980	1991	2000	2010
Homens Rurais	10.682	7.878	6.091	3.646	2.575
Mulheres Rurais	10.177	6.988	5.239	3.189	2.315
TOTAL	20.859	14.866	11.330	6.835	4.890

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados dos Censos Demográficos (INSTITUTO..., 1970, 1980, 1991, 2000, 2010).

Além disso, como detalhado na Tabela 4, essa tendência da “masculinização” também é comum na faixa etária da juventude (15-24 anos). Nesse sentido, é válido acrescentar a observação da existência de “solteirões” na agricultura familiar de Itapuranga, ou seja, homens não mais considerados jovens, não casados e sem famílias constituídas. Muitas vezes os solteirões são resultado do desinteresse das moças rurais em casar e constituir família com agricultores. Logo, a existência desses solteirões guarda relação com as implicações das migrações internas e internacionais sobre o meio rural, sobretudo com a “masculinização”.

Tabela 4 – “Masculinização” do meio rural de Itapuranga – GO:
detalhamento em relação à juventude (15 – 24 anos)

POPULAÇÃO	ANOS				
	1970	1980	1991	2000	2010
Rapazes Rurais	2.137	1.586	1.334	645	297
Moças Rurais	2.010	1.480	1.154	659	206
TOTAL	4.147	3.066	2.488	1.304	503

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados dos Censos Demográficos (INSTITUTO..., 1970, 1980, 1991, 2000, 2010).

Considerando a década de 60 como o início das migrações internas em Itapuranga – devido a causas variadas, mas relacionadas, sobretudo, com os processos de modernização da agricultura e da obrigatoriedade da escolarização – os dados das Tabelas 3 e 4 convergem com a noção de êxodo rural seletivo, pois desde a década de 70 o número de mulheres e de moças tem se mostrado menor do que o número de homens e de rapazes.

Conforme Costa e Froehlich (2014), em estudo sobre o Rio Grande do Sul, a gravidade da “masculinização” encontra-se na diminuição da população feminina no meio rural, alterando as maneiras de convivência das comunidades, comprometendo as constituições de famílias e, também, a sucessão familiar nos estabelecimentos rurais. Em síntese, a “masculinização” afeta a sustentabilidade social nos territórios de agricultura familiar.

De acordo com Marin (2008), em estudo conduzido no Estado de Goiás, as meninas rurais vivenciam uma socialização diferente dos meninos. Desde cedo elas são educadas austeramente com o intuito de crescerem como moças recatadas e virtuosas. Assim, a submissão costuma ser um valor muito relevante em sua socialização. Nesse sentido, muitas mulheres rurais ainda são ensinadas a serem submissas aos homens.

No âmbito das áreas rurais de Itapuranga foram observadas características nesse sentido. Segundo Bourdieu (2005), a dominação masculina, como é chamada, consiste em uma resolução sustentada em características biológicas, sobretudo sexuais, em que o sexo feminino é considerado submisso ao sexo masculino, resultando em uma violência simbólica. Essa violência é exercida por meio da comunicação e do conhecimento. Em virtude disso as relações entre “os” dominantes e “as” dominadas são socialmente consideradas naturais e inteiramente aceitáveis, expressando-se, em primeira instância, na divisão sexual do trabalho.

Nos contextos rurais, a dominação masculina costuma se mostrar com ainda mais naturalidade. No Estado de Goiás, os estudos de Brandão e Ramalho (1986) e Marin (2005; 2006, 2008) mostram a construção da dominação masculina no contexto da agricultura familiar sustentada, inicialmente, em famílias rurais patriarcais. Nessas famílias os homens estão vinculados à produção no roçado (esfera primária) e as mulheres à reprodução na morada (esfera secundária), com as crianças rurais sendo assim socializadas: os meninos orientados aos espaços do roçado, as meninas para os espaços domésticos; os meninos recebendo determinados valores morais, e as meninas, outros. Dessa maneira, as relações de gênero, marcadas pela dominação masculina, são naturalmente incorporadas desde a infância, quando as meninas são colocadas em situações inferiores aos meninos no trabalho e na educação, além de sexualmente censuradas e moralmente recriminadas com mais intensidade.

Em síntese, no contexto da agricultura familiar de Itapuranga, essa socialização não favorece as mulheres nas áreas rurais. Devido à carência de autonomia resultante, tornou-se comum as moças partirem rumo às áreas

urbanas, com o intuito de tentar construir um novo futuro, por intermédio do estudo ou do trabalho. Diante desse cenário, a migração feminina representa uma forma de ascensão socioeconômica dessas jovens mulheres. Assim Bartolomeu, representante da agricultura familiar no município, descreve a realidade feminina rural itapuranguense:

Por exemplo, no meio rural, nós já temos a dificuldade da renda para os jovens. Porque a renda ainda continua no chefe da família. Melhorou muito, mas ainda, na maioria dos casos tem essa questão do homem, do chefe da família e tal. Se o homem é o chefe da família, a renda vai toda para ele e isso não é discutido com os filhos, os jovens. Aí, então, o jovem já não tem renda. Se o jovem é homem pode ter uma melhor opção no campo, porque ele já tem uma força de trabalho né, a força muscular. Então, ele pode trabalhar, trocar um dia de serviço na roça, etc. Mas ele tem uma melhor condição do que a mulher jovem, na questão de ter uma possível renda. Então, o gênero feminino já fica em desvantagem. Aí, além disso, muitas vezes tem o pai que não quer nem que o filho tenha renda, tanto para o feminino quanto para o masculino já não vai ter essa possibilidade de renda. Então, se aqui não tem renda, eu vou pra cidade. Agora, o objetivo deles é ter uma vida melhor. Ter uma vida melhor entende-se hoje por ter grana, né? Ter qualidade de vida é ter dinheiro, é isso que passa na cabeça dessas pessoas. Então, eles foram em busca de um mundo melhor. O objetivo, eu acho que é melhoria de vida (Bartolomeu, 33 anos).

Conforme Camarano e Abramovay (1998), as moças normalmente são excluídas no âmbito da sucessão familiar, migrando mais e contribuindo, assim, para a “masculinização” do meio rural. Em Itapuranga, essa exclusão levou a jovem Luísa, filha de agricultores familiares, a fazer planos (ainda não concretizados) de viver e trabalhar nos Estados Unidos:

A minha vó é madrinha do meu irmão, então ela dá muita oportunidade pra ele. Então, ele já tem o dinheiro dele. Ele vai na roça pra ajudar meu pai um pouquinho, ele tem as vacas dele lá. Assim, ele já tem onde ele mexer. Eu não, eu não tenho nada lá! Nem uma galinha! (Luísa, 23 anos).

Nesse anseio de melhorar de vida – conquistando autonomia e ascendendo socioeconomicamente – todavia, muitas moças rurais, sobretudo migrantes internacionais, sujeitam-se a mercados de trabalho assalariados caracterizados por condições informais, precárias e insalubres. Em Itapuranga, as jovens rurais que migram para o exterior costumam ter dois destinos possíveis: tornam-se faxineiras ou prostitutas. Não obstante, também idealizam casamentos com estrangeiros como outra estratégia de melhoria de vida e de afastamento da agricultura familiar.

Sobre o esvaziamento, o envelhecimento e a “masculinização”, Froehlich et al. (2011), ao estudar o caso do Centro do Rio Grande do Sul, mostram como estes são interconectados uns aos outros, sendo seus entendimentos essenciais à visualização da situação contemporânea com o intuito de realizar ações de modificação, mitigação ou adaptação a essa nova dinâmica das áreas de agricultura familiar. Logo, não há como ignorar a conexão entre a “sobrevivência” da agricultura familiar e a continuidade dos jovens rurais nessas áreas, essenciais em termos de desenvolvimento.

Considerações Finais

As migrações vivenciadas entre os jovens rurais oriundos da agricultura familiar do município de Itapuranga, Estado de Goiás, revelam muito sobre a situação encontrada no meio rural brasileiro e as transformações ocorridas na atualidade, as quais não podem ser ignoradas pelos estudiosos interessados nas sociedades rurais e trazem, inclusive, subsídios para reflexões a respeito de novas ruralidades.

As migrações internas e internacionais contribuem para o rompimento da compreensão universalizante de juventude, indicando diferentes modos de vivenciar essa fase da vida na realidade rural e, inclusive, fora dela. As migrações internacionais tornaram mais incidentes e mais intensas as crises de identidade dos jovens rurais, caracterizadas por apropriações, expropriações e ressignificações de seus projetos juvenis, internacionalizando essa

juventude anteriormente localizada, ampliando ainda mais os horizontes sociais desses jovens que já se mostraram pouco estimulados a permanecer no âmbito da agricultura familiar anteriormente, por meio das migrações internas. Ao evidenciar as heterogeneidades existentes entre os jovens rurais e seus anseios de futuro e de vida, as migrações internas e internacionais também indicam a necessidade de ações de desenvolvimento diferenciadas.

Não somente as migrações internas e internacionais entre os jovens rurais têm causado embaraços à reprodução social no âmbito da agricultura familiar. Ao ocasionar a saída dos jovens rurais, essas migrações têm favorecido o esvaziamento, o envelhecimento e a “masculinização” do meio rural, afetando negativamente a continuidade da agricultura familiar ao interferir na disponibilidade de mão de obra e, também, ao dificultar a ocorrência de novos casamentos e, conseqüentemente, a constituição de novas famílias.

Nesse sentido, as relações sociais existentes no meio rural têm sofrido intensas transformações, necessitando atenção de cientistas e extensionistas, assim como de formuladores de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento rural.

Referências

ABRAMOVAY, R. (Org.). *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: Unesco, 1998.

BOURDIEU, P. *O campo econômico: dimensão simbólica da dominação*. Campinas: Papirus, 2000.

_____. A “juventude” é só uma palavra. In: BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de Século – Edições, 2003.

_____. *A dominação masculina*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. *Las estrategias de la reproducción social*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

BRANDÃO, C. R. *Casa de escola*. Campinas: Papirus, 1983.

BRANDÃO, C. R.; RAMALHO, J. R. G. P. *Campesinato goiano: três estudos*. Goiânia: Editora da UFG, 1986.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21699>>. Acesso em: 12 out. 2014.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Brasília, v. 5, n. 2, p. 45-65, 1998. Disponível em: <www.rebep.org.br/index.php/revista/article/download/404/pdf_380>. Acesso em: 12 out. 2014.

CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

CARNEIRO, M. J. O ideal rurbarno: campo e cidade no imaginário dos jovens rurais. In: SILVA, F. C. T. da; SANTOS, R.; COSTA, L. F. de C. (Org.). *Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

CASTRO, E. G. de. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, Manizales, v. 7, n. 1, p. 179-208, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1692715X2009000100008&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 jan. 2015.

CHIDIAC, E. Migrações e relações internacionais: entrevista a Elie Chidiac, secretário de Assuntos Internacionais do Governo do Estado de Goiás. *Revista UFG*, Goiânia, v. 13, n. 10, jul. 2011. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/Revista%20UFG%20Julho%20-%202011/arquivos_pdf/migracoes_relacoes_internacionais.pdf>. Acesso em: 3 abr. 2014.

COSTA, C.; FROEHLICH, J. M. Políticas públicas e masculinização rural no Rio Grande do Sul: uma abordagem a partir das condições regionais. *Campo-Território*, Uberlândia, v. 9, n. 17, p. 27-54, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/20888>>. Acesso em: 9 jul. 2015.

DREBES, L. M.; MARIN, J. O. B. Infância e trabalho na agricultura familiar: transmissão de saberes em um contexto de transformações legislativas. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 4., 2014, Pelotas. *Anais...* Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2014. Disponível em: <<http://www2.ufpel.edu.br/ifsppgs/eics/arquivosgts/GT%2001/5.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

DURSTON, J. *Juventud y desarrollo rural: marco conceptual y contextual*. Cepal: Santiago do Chile, 1998. Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/6257/S9800085_es.pdf?sequence=1>. Acesso em: 11 jan. 2015.

FEIXA, C. Generación @: la juventud en la era digital. *Nómadas*, Colômbia, n. 13, p. 75-91, 2000. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105115264007>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

FEIXA, C.; NILAN, P. Uma juventude global? Identidades híbridas, mundos plurais. *Política e Trabalho*, João Pessoa, n. 31, p. 13-28, set. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6818>>. Acesso em: 14 jul. 2014.

FROEHLICH, J. M. et al. Êxodo seletivo, masculinização e envelhecimento da população rural na região central do RS. *Ciência Rural*, Santa Maria, v. 41, n. 9, p. 1.674-1.680, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cr/v41n9/a10411cr3002.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2015.

GARCIA JR. A. R. *O Sul: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Editora UnB, 1989.

GAVIRIA, M. R.; MENASCHE, R. A juventude rural no desenvolvimento territorial: análise da posição e do papel dos jovens no processo de transformação do campo. *Estudo e Debate*, Lajeado, v. 13, n. 1, p. 69-82, 2006. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/526.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 1970*. 1970. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. *Censo Demográfico 1980*. 1980. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. *Censo Demográfico 1991*. 1991. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. *Censo Demográfico 2000*. 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. *Censo Agropecuário 2006*. 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/>>. Acesso em: 3 jul. 2014.

_____. *Censo Demográfico 2010*. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

JURADO, C.; TOBASURA, I. Dilema de la juventud en territorios rurales de Colombia: campo o ciudad? *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, Manizales, v. 10, n. 1, p. 63-77, 2012. Disponível em: <<http://revistaumanizales.cinde.org.co/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/581/314>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

KESSLER, G. *Estado del arte de la investigación sobre juventud rural en América Latina*. 2005. Disponível em: <<http://rafaelmesenvega.files.wordpress.com/2012/03/tema20del20mes20enero.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

MARIN, J. O. B. *Crianças do trabalho*. Goiânia: Editora UFG; Brasília: Plano Editora, 2005.

_____. *Trabalho infantil: necessidade, valor e exclusão social*. Brasília: Plano Editora; Goiânia: Editora UFG, 2006.

_____. A socialização das meninas trabalhadoras. *Antropolítica*, Niterói, n. 24, p. 165-193, 2008.

_____. Juventud rural: una invención del capitalismo industrial. *Estudios Sociológicos*, México, v. 27, n. 80, p. 619-653, 2009. Disponível em: <www.redalyc.org/articulo.oa?id=59820676009>. Acesso em: 22 jul. 2013.

_____. Em marcha para Oeste: travessias de camponeses. In: MARIN, J. O. B.; NEVES, D. P. (Org.). *Campesinato e marcha para Oeste*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

MARIN, J. O. B.; NEVES, D. P. (Org.). *Campesinato e marcha para Oeste*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

MENEZES, M. A. Família, juventude e migrações. *Revista Antropológicas*, Recife, v. 23, n. 1, p. 113-136, 2012. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaantropológicas/index.php/revista/article/view/247/169>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Social*, Lisboa, v. 25, n. 105-106, p. 139-165, 1990. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

PEREIRA, J. C. A. Da migração nacional à internacional: enredos e desenredos de jovens rurais na agricultura familiar. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. de (Org.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

PEREIRA, J. C. A. *O lugar desmanchado, o lugar recriado?* Enredos e desenredos de jovens rurais na migração internacional. Campinas. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas. 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000905145>>. Acesso em: 5 nov. 2014.

RENK, A.; CABRAL JR., V. Campesinidade e migração internacional: novas estratégias dos jovens rurais do Oeste Catarinense. *Esboços*, Florianópolis, v. 10, n. 10, p. 9-28, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/385>>. Acesso em: 5 set. 2014.

SABOURIN, E. *Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SILVESTRO, M. L. (Org.). *Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar*. Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead; MDA, 2001.

SPANEVERELLO, R. M. *A dinâmica sucessória na agricultura familiar*. Porto Alegre. 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/16024>>. Acesso em: 12 out. 2014.

STROPASOLAS, V. L. O movimento (migratório) da juventude rural: em busca do reconhecimento social e da cidadania. *Revista Grifos*, Chapecó, n. 14, p. 147- 167, 2003.

WANDERLEY, M. de N. B. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (Org.). *Juventude rural em Perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

WEDIG, J. C.; WIZNIEWSKY, J. G.; RAMBO, A. G. A juventude rural e a sucessão hereditária em um assentamento de reforma agrária. In: CONGRESSO DA SOBER, 45., 2007, Londrina. *Anais...* Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/6/790.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2015.

WEISHEIMER, N. *A situação juvenil na agricultura familiar*. Porto Alegre. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Disponível em: <<http://pct.capes.gov.br/teses/2009/42001013012P7/TES.PDF>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

WOORTMANN, K. “Com parente não se negocia”: o campesinato como ordem moral. *Anuário Antropológico*, Brasília, n. 87, p. 11-73, 1990a. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1987/anuario87_woortmann.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2015.

_____. Migração, família e campesinato. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 35-53, jan./jun. 1990b. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol7_n1_1990/vol7_n1_1990_2artigo_35_53.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2013.

VAN DER PLOEG, J. D. *Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.